



**Criando bloqueios:  
Uma análise da entrevista de Mahmoud Ahmadinejad ao Jornal da Globo<sup>1</sup>**

Flávio Vinícius Soares DE SOUZA<sup>2</sup>  
Professor Mestre Nonato LIMA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

**RESUMO**

A globalização tem permitido a interconexão em escala planetária dos povos e nações. Mas ainda persistem mecanismos de divisão entre os países, numa busca pela determinação de fronteiras culturais, criadas, principalmente, através da incompreensão de costumes, pensamentos e conceitos. Analisando a entrevista de Mahmoud Ahmadinejad ao jornalista brasileiro William Waack, apresentada pelo Jornal da Globo no dia 20 de novembro de 2009, verificamos como tais divisões são corroboradas por produções jornalísticas que se pautam pela máxima exposição dos antagonismos e pelo esvaziamento de conceitos e pensamentos emitidos a partir das nações periféricas. Pensamentos que, se bem explanados, poderiam resultar numa aproximação entre os países e as culturas que se consideram distantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** etnocentrismo; globalização; ideologia; jornalismo; orientalismo.

**Um planeta, vários mundos**

O ser humano tem dividido o mundo em que habita de várias maneiras ao longo da História. Na época das Grandes Navegações (séculos XV, XVI e XVII), havia o Velho Mundo, referindo-se à Europa, e o Novo Mundo, os países recentemente “descobertos”. Na Guerra Fria (1945 – 1991), havia o bloco dos países socialistas e o bloco dos capitalistas, ou, como se chegou a nomear, o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mundos. Depois da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética, passou-se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: [vinicius\\_fvss@hotmail.com](mailto:vinicius_fvss@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, e-mail: [nonatolima@uol.com.br](mailto:nonatolima@uol.com.br)



a dizer que havia os desenvolvidos, os subdesenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Numa divisão mais recente, de 29 de janeiro de 2002, George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos, separou as nações de todo o mundo entre aquelas que fazem parte do Eixo do Mal (Coreia do Norte, Irã e Iraque) e aquelas que não fazem parte deste Eixo.

Assim, embora naturalmente a Terra seja uma só, culturalmente enxergamos o nosso planeta como constituído de diversas realidades, mundos específicos sem uma unidade efetiva entre si. Não percebemos a humanidade enquanto algo unívoco, mas possuímos uma tendência a acreditar nas diferenciações existentes entre os povos e as regiões do globo como formadoras de mundos com realidades diferenciadas. Não há uma união completa em escala planetária, mas sim a junção de alguns países com outros, em determinados momentos se agrupando e em outros se apresentando como opostos. Efetivamente, de acordo com Canclini (2003),

o que se anuncia como globalização está gerando, na maioria dos casos, inter-relações regionais, alianças entre empresários, circuitos de comunicação e consumo comuns aos países da Europa ou da América do Norte ou de uma determinada região da Ásia. Não de todos com todos. (CANCLINI, 2003, p. 30)

É correto, desse modo, pensar que o momento histórico em que vivemos, no qual a globalização é intensificada, presencia, além da união das culturas e dos povos, a presença da separação e da segregação, impossibilitando determinadas junções, estabelecendo um limite à coligação planetária. “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo.” (BAUMAN, 1999)

Além disso, havendo a possibilidade de uma união global efetiva através da “compressão de distâncias e de escalas temporais” (HALL, 2005, p. 68), verifica-se, além de uma aceitação e incorporação de culturas que cada vez mais se agrupam umas às outras, originando novas identidades, o fenômeno oposto, o da negação e não aceitação do “outro”. “Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas.” (Idem, p. 87)

Devemos entender que tais divisões são criadas pelo homem e, sem o apoio destas construções simbólicas, seria impossível compreender que o mundo não é um só.



Fronteiras territoriais imaginárias, divisões culturais, diferenças na forma de se conceber e se relacionar com o meio: tudo isso serve para a transformação de um único planeta em vários mundos distintos.

Quando se afirma que tais diferenciações são criadas pelo homem, ou seja, pertencem ao campo da cultura, não se deve, por isso, pensar que elas sejam menos importantes ou indignas de se levar em consideração. Uma vez criadas, as instituições ganham realidade própria e passam a ser vistas não mais como uma criação humana, mas antes como algo que existe, e até mesmo sempre existiu, em sua concretude (BERGER & LUCKMANN, 1998).

### **Dividir para dominar**

Mais do que uma utilidade didática, a divisão dos países em blocos serve para o propósito específico de realizar uma tentativa de dominação de algumas nações sobre outras. Existe, nestas classificações e diferenciações que se faz entre as diversas regiões do planeta, um mecanismo de poder, uma tentativa de subjugar certas culturas. Portanto, não se pode ver tais classificações como criações neutras do ser humano. Edward Said (2007) afirma que “[...] as ideias, as culturas e as histórias não podem ser seriamente compreendidas ou estudadas sem que sua força ou, mais precisamente, suas configurações de poder também sejam estudadas” (SAID, 2007, p. 32).

Dessa maneira, quando George W. Bush deixa claro que na Terra inteira existem aqueles países que se destacam por pertencerem a um campo diferenciado e, possivelmente, “estranho”, o qual ele chama de Eixo do Mal, ele assim o faz não de forma indiferente ou imparcial. Na verdade, ele age fornecendo visões ideológicas que lhe abrem a possibilidade de sujeitar estas nações sob um domínio específico. Se existem nações diferentes, nações que não podem pertencer ao campo do “nós”, mas devem ser compreendidas como adentradas no campo do “outro”, então estas nações podem ou devem ser vistas como oponentes, senão inimigas, ou, pelo menos, enquanto nações que formam uma realidade distante da nossa e, por conseguinte, constituídas por povos pertencentes a “outra” categoria de seres humanos.

O Irã, país que faz parte do denominado Eixo do Mal de Bush, desenvolve um programa nuclear. No discurso oficial dos Estados Unidos isso se apresenta como uma ameaça, embora os representantes políticos iranianos afirmem que o programa nuclear desenvolvido no seu país possui utilidade pacífica. Dessa maneira, cria-se um impasse:



de um lado, Estados Unidos e outros países acusam o Irã de acobertar o desenvolvimento de armas nucleares em seu território, enquanto o Irã nega tais acusações, com a declaração de que o seu programa nuclear serve exclusivamente para fins pacíficos.

É necessário lembrar que desde 1968 há um tratado de não-proliferação nuclear, assinado por 188 nações em todo o mundo, e dos países considerados do Eixo do Mal apenas a Coreia do Norte não faz mais parte deste tratado, já que pediu retirada em janeiro de 2003. Também em 2003, os Estados Unidos invadiram o Iraque, país vizinho ao Irã, utilizando-se da mesma acusação que atualmente fazem em relação a este país: a do desenvolvimento de armamentos nucleares. No entanto, as forças militares norte-americanas não encontraram qualquer vestígio de desenvolvimento de armas nucleares no Iraque.

Em 2009, foram realizadas eleições presidenciais no Irã, as quais resultaram na reeleição de Mahmoud Ahmadinejad. Um grande número de jornais brasileiros levantou dúvidas sobre a validade desta votação, apresentando matérias sobre tumultos, prisões e lutas nas ruas das cidades iranianas em protesto à reeleição de Ahmadinejad. O presidente Lula, no entanto, reconheceu prontamente a legitimidade do governo reempossado de Teerã.

Em novembro de 2009, Ahmadinejad foi entrevistado na capital iraniana pelo jornalista brasileiro William Waack. A entrevista foi apresentada no Jornal da Globo, telejornal noturno que é exibido de segunda a sexta na Rede Globo. Pretendemos analisar alguns aspectos do conteúdo desta entrevista, centralizando-nos, para tanto, no conteúdo lingüístico da matéria.

Na entrevista avaliada, é possível perceber que certas noções entram em jogo para reafirmar posicionamentos. Conceitos defendidos por Ahmadinejad parecem não ser seriamente compreendidos, levando a crer que este político está em situação “oposta”, disputando em “outro” lado, ou mesmo que não possui uma maneira “racional” de enxergar a realidade. É como se houvesse uma incapacidade cultural de se entender certas ideias, de se adentrar em conhecimentos com os quais não se está habituado a lidar. Por conseguinte, uma divisão é colocada e um bloqueio é montado, criando um desentendimento cultural.



## O jornalismo que endossa a divisão

A imprensa permanece no meio do impasse entre o Irã e os países que defendem para este país a desativação do seu programa nuclear. Como todo discurso, nesta questão o jornalismo fornece visões que não são de maneira alguma imparciais.

À parte o papel do jornalismo como mediador do mundo social, a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado ou veracidade supostamente inerente aos acontecimentos. Em parte, isso acontece porque a rotulagem de algo implica a existência de uma avaliação e de um contexto. (HACKET, 1984, p. 107)

De fato, a mídia nos transmite visões parciais dos acontecimentos, visões mediadas, que não podem ser entendidas como o fato em si, mas sempre como uma maneira subjetiva de se olhar aquele fato. Inclusive, a realidade por ela mesma não pode ser transmitida senão através da visão de alguém, e essa transmissão já encerra em si mesma a necessidade de uma subjetivação dos acontecimentos.

O jornalismo internacional é fonte importante de obtenção de informações sobre países e culturas distantes, formulando, até certo ponto, a nossa percepção sobre modos de vida em nações que aparentam estar longínquas ou com as quais não possuímos contato direto e frequente. Com efeito, não sendo possível para todos verificarem com os “próprios olhos” a realidade de culturas como a do Irã, por exemplo, é através dos jornais, em grande parte, que tomamos ciência daquilo que se passa nestes países. Assim, a visão fornecida pelo jornalismo é importante para a formação do pensamento difundido sobre determinada cultura com a qual não se tem muita proximidade.

No entanto, quando se trata de países que não ocupam posições de destaque na política e na economia mundial, há uma visão defectiva que é apresentada: os jornais tendem a se mostrarem alheios à realidade cultural dos países periféricos.

[...] o deserto de informação na mídia sobre a vida nacional dos povos, em benefício da notícia que privilegia o jogo das potências políticas e econômicas ou o aspecto meramente espetacular e inusitado – o “deslize” –, funciona ao mesmo tempo como espelho e motor desse alheamento, o qual está perfeitamente integrado ao processo de globalização da economia. (ARBEX JÚNIOR, 2005, p. 203 e p. 204)



Matérias jornalísticas que procuram apresentar o inusitado e o excepcional, sem se preocupar com a exposição de conceitos aprofundados ou de compreensão real dos pensamentos e modos de vida das culturas e povos, podem ser vistas, assim, como uma das causadoras do distanciamento entre as diversas nações. No mínimo, pode-ser afirmar que este tipo de jornalismo é um dos responsáveis por promover um empecilho de compreensão cultural entre os povos.

O jornalista José Arbex Júnior (2005), sobre a sua experiência com o jornalismo internacional na grande imprensa brasileira, conclui que a atividade jornalística no Brasil possui uma ligação muito forte com os preceitos culturais norte-americanos e europeus: “A elite brasileira, por formação intelectual e por vínculos econômicos e culturais historicamente construídos, está muito mais vinculada aos centros de produção cultural dos Estados Unidos e da Europa do que do próprio país.” (ARBEX JÚNIOR, 2005, p.202 e p. 203) Desse modo, problemáticas e questões que não estejam em alinhamento com aquilo que é compreendido pela cultura norte-americana ou europeia terão mais chances de serem esquecidas, tratadas com desprezo ou incompreendidas.

É por isso que, ao ouvir de Ahmadinejad a expressão “fracasso do sistema capitalista” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009), William Waack “lembra” o presidente iraniano do fato de que “o Brasil é e pretende permanecer uma economia capitalista” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009), sem que, antes disso, haja qualquer tentativa de aprofundamento, por parte do jornalista, sobre o conceito exposto por Ahmadinejad, ou que seja colocado em discussão aquilo a que o presidente iraniano quis referir-se.

Com efeito, Waack não procurou lembrar que o capitalismo tem, comprovadamente, causado injustiças, nem quis ir um pouco mais além na ideia dita por Ahmadinejad e explorar as causas e as consequências daquilo que o presidente iraniano acabava de expor, ou de que forma ele pensa que o capitalismo vem sendo um sistema “fracassado” e como poderia haver outro sistema econômico e financeiro para o mundo que não este.

Pelo contrário, Waack se limita a afirmar que “lembrou” Ahmadinejad de que o Brasil pretendia continuar a ser capitalista, como se o presidente iraniano estivesse de algum modo pondo em dúvida a permanência do Brasil nesse sistema ou como se não fosse possível a existência de outras formas de capitalismo que não esta encontrada atualmente e que, de acordo com Ahmadinejad, está “fracassada”.



Enfim, toda uma cadeia de pensamentos é deixada de lado por Waack. Pensamentos que, se bem explorados e apresentados, poderiam resultar em certa identificação de ideias, ou, ao menos, permitiriam que Ahmadinejad não passasse por um completo alienado.

Atitude semelhante é realizada por Waack em relação ao Holocausto, quando Ahmadinejad defende que o povo palestino não deveria pagar por crimes cometidos contra os judeus na Europa, e Waack resume esta ideia afirmando que ela significa “negar a existência de Israel”. A partir dessa conclusão, o jornalista passa logo a perguntar se o presidente iraniano julga que o Brasil deve pensar da mesma maneira, como se fosse preciso haver uma congruência completa entre as opiniões e pensamentos.

Além disso, podemos perceber que um conjunto de noções é completamente desfigurado e limitado a uma ideia pouco complexa e, talvez mais importante do que isso, que se apresenta como contraditória e oposta às noções que, muitas vezes, parecem se apresentar como as mais aceitas.

### **Os interesses envolvidos na divisão**

Na verdade, certos jornais, para atingir um público numeroso, utilizam certas estratégias, como não contrariar alguns parâmetros culturais que se apresentam de tal forma arraigados a ponto de que qualquer tentativa de colocá-los abaixo seja, dado o seu caráter de completo ineditismo, prontamente negada por um número expressivo da audiência.

Se se quiser uma circulação de massas, todos os passos na cadeia noticiosa anteciparão provavelmente a reação do passo seguinte na cadeia e acentuarão os efeitos de seleção e distorção de modo a tornar o material mais compatível com a imagem que os leitores querem. (GALTUNG & RUGE, 1965, p. 67)

De fato, alguns jornais têm de guiar-se por determinados parâmetros, considerando alguns entendimentos como verdades absolutas, o que implica não pôr em questão certas ideias. E os jornalistas fazem isso se deixando levar, também, por aquilo que, para eles, pode ser tomado como a ideia mais aceita, ou a verdade que deve ser vista como absoluta. “É um fato bem conhecido da psicologia individual que as pessoas



tendem a ter como verdade somente aqueles *happenings* que se adaptam às suas próprias convicções relativamente ao que é provável acontecer.” (WHITE, 1950, p. 151)

Seguido da ideia de que algumas notícias devem trazer exatamente aquilo que a audiência espera ou aquilo que o jornalista pensa ser o esperado pela audiência, existe também o fato de que os jornais devem apresentar acontecimentos inusitados. E é dessa junção entre aquilo que, para o jornalista, o leitor pretende que continue igual (por ser um conhecimento básico para o leitor fazer do mundo um local “coerente”) e a inovação (já que uma informação repetida muitas vezes acabará perdendo o valor) é que se organiza e se dá coesão às relações internacionais no jornalismo (GALTUNG & RUGE, 1965).

A inovação muitas vezes é procurada através do extravagante, aquilo que parece tão anormal a ponto de poder ser tomado como loucura ou conceito sem nexos, mas tudo isso visto de uma maneira que a audiência não necessite modificar os seus próprios valores na compreensão daquilo que lhe parece esdrúxulo. O novo é trazido a partir de acontecimentos que parecem “extraordinários”, mas, na verdade, só vêm para reforçar o pensamento reinante.

É importante destacar, entretanto, que existe a possibilidade de que os meios de comunicação forneçam uma visão mais aprofundada e de conteúdo menos reducionista e preconceituoso. Para tanto, seguimos o pensamento apresentado por Barbero (2004) de que a televisão não é em si mesma um veículo defeitivo ou de conteúdos necessariamente menores. Com efeito, partimos do pressuposto de que o uso que se faz da televisão é que pode torná-la menos propensa à divulgação de um conhecimento mais completo.

Entretanto, temos em vista que

No grande esquema industrial concebido pelos donos das empresas de lazer, cada um constata que a informação é antes de tudo considerada como uma mercadoria, e que este caráter prevalece, de longe, sobre a missão fundamental da mídia: esclarecer e enriquecer o debate democrático. (RAMONET, 2001, p. 8)

Ou seja, os mecanismos de obtenção de lucros (como atingir a máxima audiência num telejornal, por exemplo) são vistos com maior interesse do que a busca pelo diálogo e pelo desenvolvimento aprofundado das ideias expostas.

Mecanismos de exclusão de pensamentos contrários são criados para impedir que todos tenham acesso ao poder que o discurso confere. “Sabe-se que não se tem o



direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2008, p. 9)

Essas limitações a que as ideias estão expostas evita que o poder discursivo possa ser utilizado livremente, e que ideias contrárias àquelas aceitas possam ser debatidas e postas em questão com uma liberdade absoluta. Efetivamente, aquele que não se baseia no pensamento socialmente mais aceito é, muitas vezes, tratado como louco, ou seja, é tido como “aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (Idem, p. 10).

### **Noções historicamente construídas**

Dentre as divisões apropriadas pela imprensa para classificar países e regiões do planeta, está o orientalismo, o qual é, de acordo com Said (2007), cercado pela tentativa de dominação, a busca por subjugar uma região do planeta, configurando-se como uma construção ideológica em que são pertinentes as noções de poder. Na verdade, toda ideologia está cercada pela tentativa de dominação de uns sobre outros. “Dizer que o enunciado é ideológico significa, portanto, afirmar que está carregado de um motivo ulterior estreitamente relacionado com a legitimação de certos interesses em luta de poder.” (EAGLETON, 1997, p. 28).

Said (2007) apresenta como, desde a Antiguidade, o Oriente tem sido uma invenção europeia numa tentativa de auto-afirmação e de elevação do sentimento de comunidade dentro de algumas nações do “Velho Mundo”. Em contrapartida, a invenção do Oriente também tem servido para tentar subjugar uma região do globo sob o domínio de determinados países. E tudo isso através da literatura, dos pronunciamentos políticos, do jornalismo e das obras científicas que abordaram ou procuraram apresentar a sua versão sobre o Oriente.

O orientalismo, dessa maneira, como uma disciplina que estuda a cultura e os costumes dos povos orientais, serviu para deixar a Europa e, posteriormente, os Estados Unidos, numa posição de supremacia internacional, dado que, realizadas as constantes comparações, sempre se chega à conclusão de que os orientais eram ou são “atrasados”, “bárbaros”, “mentalmente inferiores”. Com esse entendimento, não há outro caminho ao Oriente que não o de seguir os passos da Europa, e torna-se até incompreensível que os povos orientais tentem permanecer numa trilha “errada”, uma trajetória diferente da europeia e que certamente é a causa para o seu “atraso” cultural.



Said (2007) deixa claro que todo esse conhecimento do orientalismo não passa de uma incapacidade em se compreender o pensamento que, por vezes, pode ser entendido como diferente, e uma tática, extremamente conveniente, de dominação de determinadas nações por outras.

O orientalismo, desde os seus primórdios, na Antiguidade, segue, aproximadamente, a mesma base conceitual até os nossos dias, e ainda é utilizado com sucesso pelas potências internacionais, refletindo-se, além disso, em várias manifestações culturais e do pensamento ocidental.

Como quando, em 2006, o profeta Maomé foi retratado de maneira pejorativa por um jornal dinamarquês, ainda que, de acordo com a cultura muçulmana, o profeta Maomé não possa ser sequer retratado. Nessa questão, quando os muçulmanos protestaram contra a publicação das charges, vários veículos de imprensa de todo o mundo mostraram-se escandalizados com o fato de que os muçulmanos pareciam não compreender que há uma liberdade de imprensa. “A imagem que se tem do Islã foi generalizada, simplificada e promovida nos circuitos de informação do Ocidente e um conflito se solidificou entre as duas pretensas metades do mundo” (STEVANIM, 2007 p. 98).

Portanto, o orientalismo, compreendido como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 15), desnuda os preconceitos e a presunção de certas manifestações culturais e dos estudos de países que se consideram ocidentais. Além disso, demonstra a incapacidade de se compreender o “outro”, de se lidar com o diferente, de se entender aquilo que parece nos opor. Essa visão defectiva do Oriente acontece apesar da formação de contra-discursos por parte dos próprios povos orientais, que buscam defender-se contra “essa visão que lhe aparece como forânea, equivocada, deturpadora e manipuladora” (MONTENEGRO, 2001, acesso em 2009, p. 64).

A partir da noção de orientalismo e a maneira como este conceito influencia no modo como normalmente agem os países que se autodenominam “ocidentais” ou se sentem mais aproximados da cultura que se diz “ocidental”, podemos entender como há, em saberes expostos pelos “ocidentais”, uma tentativa de oposição, uma busca por se mostrarem diferentes a países e culturas que são classificados como orientais.

Na entrevista de Ahmadinejad, William Waack, após dar voz para que o presidente iraniano demonstrasse as questões em que Brasil e Irã poderiam agir em



cooperação, não deixa de indicar onde existe o contraditório, onde pode haver oposição e falta de entendimento, onde não pode haver encontro ou diálogo.

WAACK: O Brasil, disse ele [Ahmadinejad], pode ajudar bastante ao Irã em vários setores, como agricultura, ciência, indústria, energia. Mas importante mesmo, acentuou, é a possibilidade de uma cooperação internacional entre Brasil e Irã a partir do que Ahmadinejad chama de fracasso do sistema capitalista. (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009)

A oposição é logo trazida pelo jornalista brasileiro: “WAACK: Ao ser lembrado do fato de que o Brasil é e pretende permanecer uma economia capitalista [...]” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009). Assim, Waack, ao invés de destacar os pontos de proximidade entre Brasil e Irã, apresenta o lugar do desencontro: o Brasil não é como Ahmadinejad imagina que possa ser, sendo, assim, necessário “lembrar” este fato ao presidente iraniano e deixar clara esta distinção.

Depois disso, Ahmadinejad ainda apresenta mais pontos de encontro: “WAACK: Ele [Ahmadinejad] propôs ao Brasil uma ampla cooperação nuclear para construção de usinas geradoras de eletricidade [...]” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009); ou “WAACK: Ahmadinejad disse que o Brasil e o Irã enfrentam dificuldades semelhantes para desenvolver tecnologias próprias no campo nuclear” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009).

A seguir, a contradição é novamente procurada, quando, por exemplo, Waack diz: “O Brasil reconhece o direito de existência de Israel e Lula perguntou ao senhor sobre suas declarações acerca da matança de Judeus na Segunda Guerra Mundial, que, para Lula e a maioria dos brasileiros, são inaceitáveis” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009).

Como se vê, o jornalista tenta mostrar de que maneira a opinião de Ahmadinejad é oposta à do presidente Lula e à da “maioria dos brasileiros”. Não se experimenta dar voz maior às similitudes nem aos pontos de adesão: a oposição tem uma importância e um destaque mais claramente verificável, levando, inclusive, a crer que impossibilita a união. Dessa forma, é como se Ahmadinejad estivesse no “outro” lado, por ter opiniões que não são idênticas às dos brasileiros. É como se não fosse possível unir-se com quem não se tem uma completa identidade de noções e ideias.

Essa tentativa de mostrar oposições é verificada outras vezes na matéria, quando, por exemplo, Waack afirma, sobre o tema da homossexualidade: “Digo a



Ahmadinejad que a sociedade brasileira vê o mesmo tema de maneira muito distinta, e se ele acredita que poderá ser entendido no Brasil” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009). Ou, por exemplo, quando diz: “A resposta de Ahmadinejad implica em negar a existência de Israel, e na pergunta seguinte digo a ele que a posição do Brasil é a de apoiar a solução de dois estados, portanto, a existência de Israel” (Jornal da Globo, 20 de novembro de 2009).

Assim, Waack não deixa de apresentar contradições, caminhos opostos e diferenciados que, não cooperando na união e identificação, causam, antes, a separação e a ideia de que a trilha seguida pelo representante político dos iranianos é antagônica à seguida pelo Brasil. Naturalmente, não queremos afirmar que os pontos defendidos por Ahmadinejad estão em acordo com os defendidos pela maioria dos brasileiros, nem alegar que o pensamento de Ahmadinejad é o correto ou aquele que deve ser aceito. No entanto, o que colocamos em questão é o fato de estes pontos serem trazidos à tona com tamanha insistência e, além disso, serem apresentados não para demonstrar que, ainda que com pensamentos diferentes, possa haver união, mas antes naquilo que parece ser uma tentativa de afirmar que, pensando diferente, a união é impraticável.

### **A necessidade de diálogo com o “diferente”**

Portanto, vemos como, num mundo onde existe a capacidade tecnológica de união planetária, persistem sentimentos de separatismo e divisão, cooperados por produções jornalísticas como a que analisamos. Ainda existe a delimitação entre “nós” e o “outro”, porque ainda se imagina, muitas vezes, que apenas no similar, no pensamento que não nos diverge, é que podemos encontrar os iguais e os possíveis pares. A diferença é trazida para distanciar, não para ser aceita nem compreendida. E essas divisões, produtoras de desentendimentos, são trazidas por interesses políticos, econômicos ou mesmo de incapacidade cultural de compreensão do “diferente”. Em produções jornalísticas como a analisada, não existe o diálogo com o “outro”, mas antes a exposição do diferente como inaceitável, e da apresentação ligeira, sem respeitar a complexidade, de pensamentos que poderiam favorecer a união.

É possível que apenas numa prática voltada para a compreensão de conceitos e ideias que não são majoritariamente aceitos na sociedade é que se poderá encontrar uma união daqueles que se entendem como opostos. De fato, somente quando o “diferente” for visto como aquilo que nos completa, por ser a parte que não possuímos, é que



poderemos entender o pensamento do “outro” e, assim, efetivamente promovermos uma parceria. E não é possível que esse entendimento seja efetuado sem haver uma exposição aprofundada de conceitos ou uma abertura nas nossas mentalidades.

Enquanto perdurar a apresentação do “diferente” como o inusitado, o oposto, o hostil – noções que só são repassadas quando não se dá uma exibição aprofundada dos pensamentos do “outro” – não se poderá concretamente entender que entre o “nós” e o “eles” pode haver aliança.

## Referências

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 4. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2005. 290 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 145 p.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 247p. (Antropologia 5)

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2003. 223p.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: UNESP, Boitempo, 1997. 204 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 17.ed. São Paulo: Loyola, 2008. 79p. ; (Leituras filosóficas; 1)

GALTUNG, Johan & RUGE, Mari Holmboe. *A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros*. 1965. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª. ed. Lisboa: Vega, 1999. 360p.

HACKET, Robert A.. *Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos*. 1984. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª. ed. Lisboa: Vega, 1999. 360p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. 102 p.

MONTENEGO, Silvia M. *Discursos e Contradiscursos: O Olhar Da Mídia sobre o Islã no Brasil*. Site **SciELO Brasil**. Pode ser acessado a partir do endereço eletrônico <http://www.scielo.br> Acesso em 7 de outubro de 2009.



RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2001. 141p.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007. 523 p.

STEVANIM, Luís Felipe Ferreira. *As charges do profeta: dilemas da liberdade de imprensa na era da globalização*. In: MELO, José Marques de; PAIVA, Raquel. **Ícones da sociedade midiática**: da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates. Rio de Janeiro: Mauad X, Intercom, 2007. 189 p.

WHITE, David Manning. *O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias*. 1950. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". 2ª. ed. Lisboa: Vega, 1999. 360p.